



PANORAMA

PANORAMA

REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

VERÃO!



**VINHOS QUE
REFRESCAM
E DISPÕEM BEM**




Real Vinicola



**SEDE EM GAIA: TELEFONE 3478 — FILIAL EM LISBOA: RUA DO ALECRIM, 117
TELEFONE 2 2556 — DEPÓSITO NO PORTO: RUA ENTREPREDES - TELEFONE 440**



PARFUMEUR—PARIS



CONCESSIONÁRIOS E DISTRIBUIDORES: SOCIEDADE PORTUGUESA DE PERFUMARIA, LDA.
FÁBRICA: R. RODRIGO DA FONSECA, 87-B—TELEFONE 45 410 — ESCRITÓRIO E DEPÓSITO: R. RODRIGUES SAMPAIO, 59 — TELEFONE 40 808



INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA





*Segurança em
fotografia só com
Kodak*

APARELHOS . PAPÉIS

CHAPAS . PELÍCULAS

Kodak

KODAK, LIMITED

RUA GARRETT, 33—LISBOA

Aqui se aconselha...



RELOJOARIA CAYRES é o moderno estabelecimento na RUA DO OURO, 133, onde o público de Lisboa encontra as mais categorizadas marcas de relógios. Mas há mais: Cayres oferece ainda uma oficina que é um verdadeiro laboratório técnico, apetrechado com aparelhagem e ferramentas hoje indispensáveis ao conserto, afinação e controle da relojoaria de alta precisão, cuja montagem foi superiormente dirigida por um especialista.

Sei vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C., LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.



É sempre preocupação a escolha de um brinde valioso que se deseja oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247, em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gosto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

MAIS LUZ E MENOR CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação desse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve, sem dúvida, ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.



que leia, veja e compre



NO PAPEL DE CARTA que se utiliza na correspondência, pode-se avaliar muitas vezes o bom gosto e a distinção de quem escreve. Para não perder tempo a escolher aquêle de que deve servir-se, aqui aconselhamos a preferir o das marcas NAU, NACIONAL e ERNANI, qualquer dêles de óptima qualidade e excelente apresentação. São marcas registadas de MÉCO, LDA., L. Rafael Bordalo Pinheiro, 20 a 25, em Lisboa e R. das Flores, 14-1.º, no Pôrto.

ESTA fotografia é de um bonito azulejo decorativo, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.



ESTÁ tratando da decoração da sua casa? Ou talvez tenha necessidade de escolher um brinde de «bom gosto», para oferecer a alguém de amizade. Aqui o aconselhamos que procure ver a grande variedade de excelentes FERROS ARTÍSTICOS — candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados e em exposição na SERRALHARIA ARTÍSTICA de Vicente Joaquim Esteves, na R. das Amoreiras, 88, em Lisboa.

TOME nota desta firma e do seu endereço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.



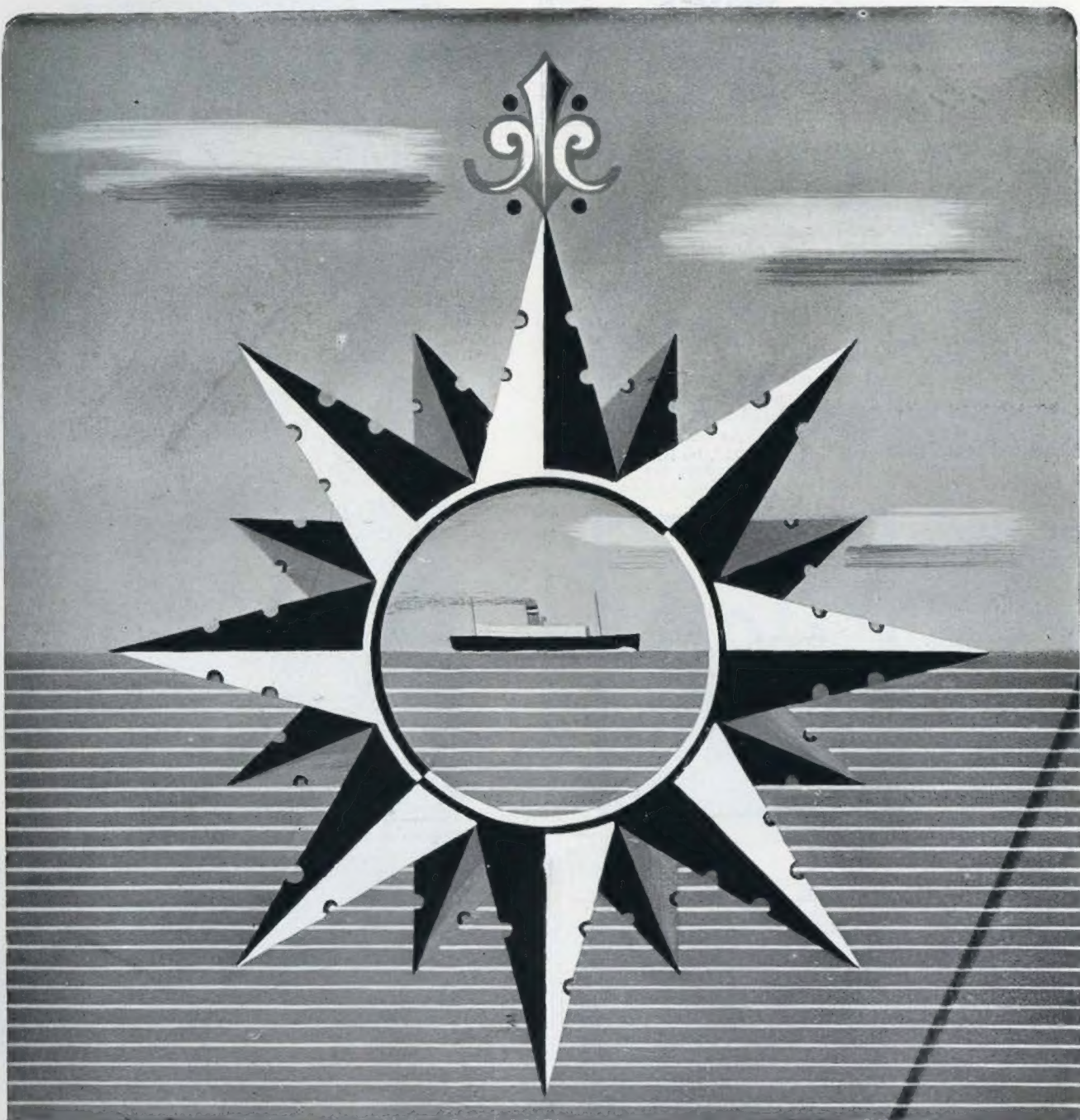
**SÃO INCOMPARÁVEIS
OS MARAVILHOSOS
PRODUTOS DE BELEZA**

**RAINHA DA HUNGRIA
MYSTIK & RODAL
YILDIZIENNE & OLY**

Rosipor



**DA ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
AVENIDA DA LIBERDADE, 35, 2.º · TEL. 21866 · LISBOA**



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

**SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS PARA
ÁFRICA, AMÉRICA DO NORTE E BRASIL**

LISBOA - R. INSTITUTO VERGILIO MACHADO 14 ★ PORTO - RUA INFANTE D. HENRIQUE 9



NESCAFÉ

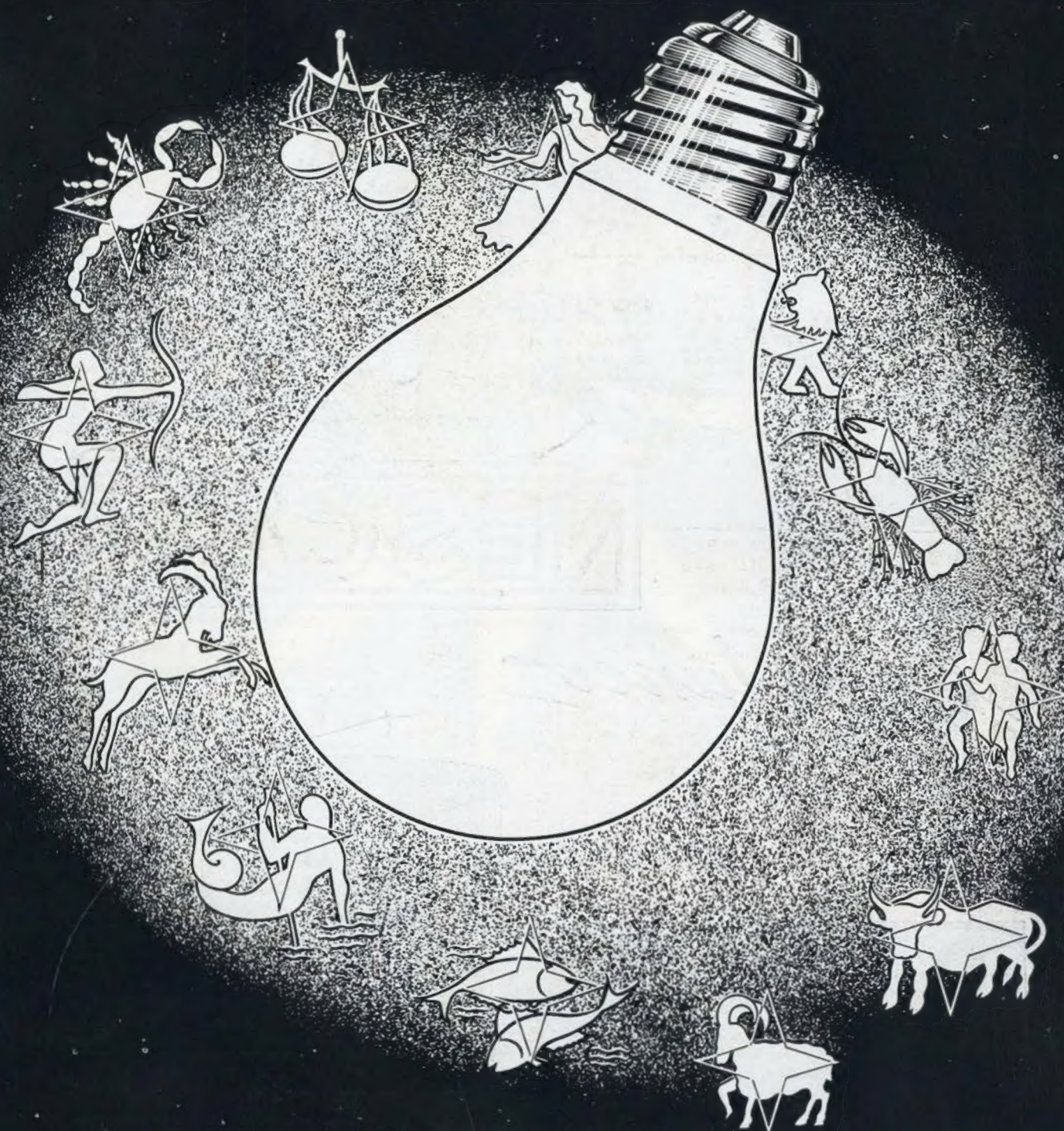
instantâneo

o café sem cafeteira



UM PRODUTO NESTLÉ

PHILIPS



A LÂMPADA QUE DEVE USAR TODO O ANO

ENTRETIMENTO

INSTRUÇÃO

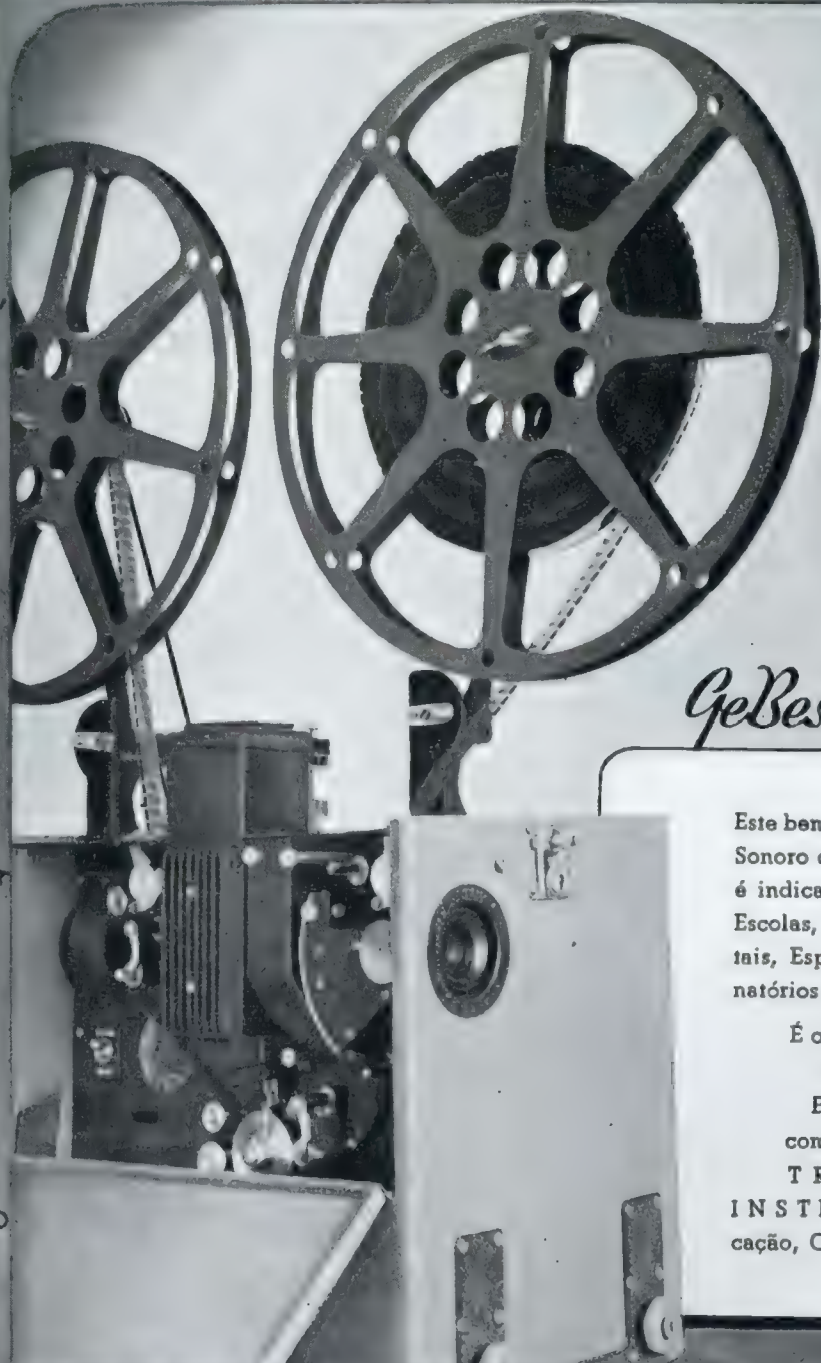
TREINO

PUBLICIDADE

EDUCAÇÃO

PROPAGANDA

DISTRAÇÃO



GeBescope 16mm.

Este bem conhecido Projector Sonoro de fabricação Inglesa é indicado para residencias, Escolas, Seminários, Hospitais, Esplanadas, Hoteis, Sanatórios e Clubs Desportivos.

É o projector ideal
não só para
ENTRETER
como também para
TREINAR e
INSTRUIR, em Edu-
cação, Comércio e Indústria

J.C. ALVAREZ. L. DA 205 • R. AUGUSTA • 207 LISBOA
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA

Vinho do PORTO



Aqui se aconselha...



HELVETIA — VELOX
— GRETA, são os nomes de três marcas de lâminas suíças para barbear. A magnífica qualidade do aço empregado no seu fabrico dá bastante duração a estas lâminas. Vendem-se de diferentes modelos para os diversos tipos de máquinas. Pedidos a Azevedo & Pessi, Lda., Rua Nova do Almada, 46, Lisboa, Telef. P. A. B. X. 2 9879.

RADIO - GRAMOFONE
com receptor super-heterodino para ondas curtas e médias. Alto-falante de alta fidelidade. Contrôlê automático de volume de som. Contrôlê progressivo de tonalidade. Quadrante de visibilidade perfeita. Reprodução automática de 8 discos grandes e pequenos. Dispositivo para repetição de qualquer e paragem e corte automático da corrente no final do último. EST. VALENTIM DE CARVALHO, Rua Nova do Almada, 97.



QUINTÃO, não é só a casa especializada em tapetes das melhores marcas nacionais, como são os de BEIRIZ e de ARRAIOLOS. Também ali encontramos **MÓVEIS DE ARTE**, lindas peças em **COBRE** para decoração de interiores e as características **MANTAS ALENTEJANAS** que têm feito um verdadeiro sucesso. **QUINTÃO**, 32, Rua Ivens.

OUVIR perfeitamente no teatro, na igreja, nas conferências ou em qualquer ocasião é o que permite a todos os surdos o novo aparelho americano de audição **TELEX** com amplificação **ELETRÔNICA**. Agente exclusivo para Portugal e Espanha **A. MENDES OSÓRIO**, técnico em Prótese Auditiva, Av. Almirante Reis, 229, 4.º, esq., Lisboa.

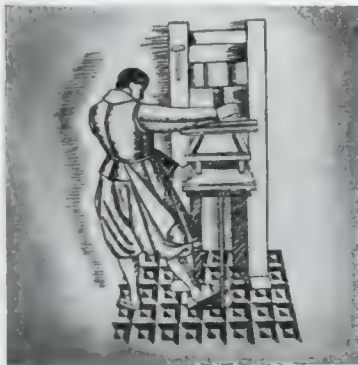


que leia, veja e compre



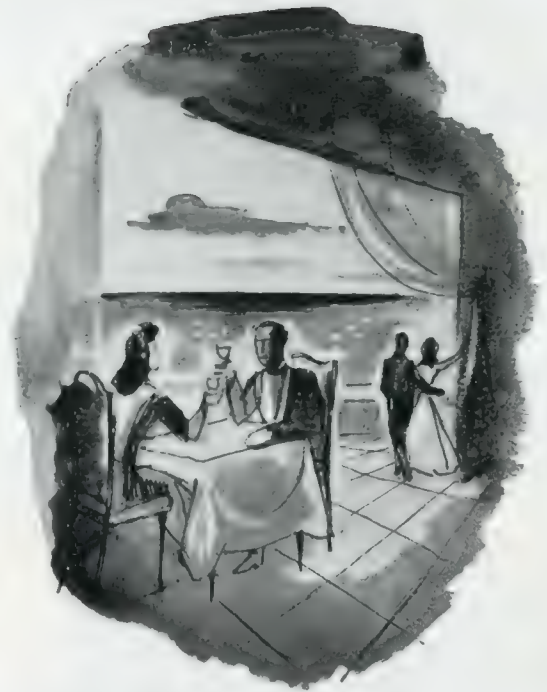
O ENXUGADOR «TANK», que já provou indiscutivelmente a sua utilidade e facilidade de uso — demonstra-o a enorme venda que tem — é o mais moderno tipo de mata-borrão para secretária. Assim, aqui se aconselha a quem ainda não se serve do ENXUGADOR «TANK» que não deixe de experimentá-lo. E então nunca mais deixará de ter um TANK na sua mesa de trabalho.

A excelência dos trabalhos gráficos depende sobretudo de: Estilo e estado do material tipográfico; Qualidade e apropriação de papéis; Conhecimento profundo e prático dos serviços de composição e impressão; gosto e criteriosa conjugação dos vários elementos utilizados pela oficina nos trabalhos que executa. De tudo isto dispõe a OFICINA GRÁFICA, LIMITADA, R. Oliveira, ao Carmo, 8 — Telef. 22 886 — Lisboa.

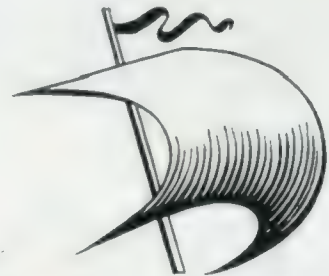


O ritmo da vida moderna não permite desperdício de tempo. Assim, quando precisar de gravatas, camisas, peúgas, meias, gabardines ou interessantes novidades, dirija-se imediatamente à GRAVATARIA PARIS, na Rua do Ouro, 172. A par de boas camisas, em lindos padrões e de talhe elegante, no género da que mostra esta foto, encontrará também, a preços acessíveis, muitos outros artigos de que gostará. — Telef. 2 6736.

A CASA VIEIRA CAMPOS (antiga Casa Figueiredo), da R. da Prata, 215, não é especializada só em material ligeiro para Campismo. Também já firmou o seu nome na construção de material de acampamentos, fornecendo importantes empresas coloniais e as principais Missões Científicas às Colónias. Tudo para campismo e acampamentos de longa duração, encontra-se em boas condições de preço e qualidade na Casa Vieira Campos, de Lisboa.



HOTEL RESTAURANTE



Vela Azul

UM AMBIENTE AGRA-
DÁVEL, SITUADO NA
ESTRADA MARGINAL,
COM LINDA VISTA
À BEIRA MAR.

C A X I A S

TELEFONE: PAÇO DE ARCOS 36



CLUBE

UM FÓSFORO ECONÓMICO
PARA USO CASEIRO

O Grémio dos Fósforos, Rossio, 74, 1.º-D.º dá um cinzeiro em troca de 500 etiquetas Clube ou oferece um cinzeiro com uma caixa de fósforos Clube conta entrega de 7\$50

A ÚNICA PASTA QUE BRANQUEIA OS DENTES E AVERMELHA AS GENÍVAS



Carmim

CREME TORERO

Produtos à venda em todas as casas do ramo — Distribuidores gerais: — ANTÓNIO FERREIRA PINTO, LDA.
Rua dos Correiros, 123 — LISBOA

PORTO — Rua da Ponte Nova, 70

LUBRIFICAÇÃO RACIONAL — MAIS RENDIMENTO

Criaram os fabricantes do Mobiloil os processos de lubrificação racional que consistem em aplicar às diferentes partes das máquinas os óleos para elas estudados e só esses e a que chamam Lubrificação Especializada Mobiloil.

A Lubrificação Racional que pela primeira vez foi vulgarizada na Tabela de Recomendações Mobiloil, constitui o meio mais económico e mais seguro de prolongar a vida dos veículos, na sua maioria tão cansados, em vista da impossibilidade de serem substituídos ou convenientemente reparados.

A Lubrificação Racional ou Lubrificação Especializada Mobiloil contribuirá para que o seu carro funcione melhor.



2094



meta Mobiloil

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

NUMERO 29 ★ ANO de 1946 ★ VOLUME 5.º

MARIA DE CARVALHO **Elogio do nosso Mar**

DIOGO DE MACEDO **O Mar e os Artistas Portugueses**

ALFREDO KEIL **Marinha**

MILY POSSOZ **Baía de Cascais**

GUILHERMO DIAZ-PLAJA **Portugal, el dulce enigma**

* * * **Realizações do S. N. I.**

MANFREDO **Descendo de barco o rio Lima...**

JOSÉ AUGUSTO CESÁRIO ALVIM **Noémia e as suas meninas**

CALVET DE MAGALHÃES **Sobre Tapetes bordados portugueses**

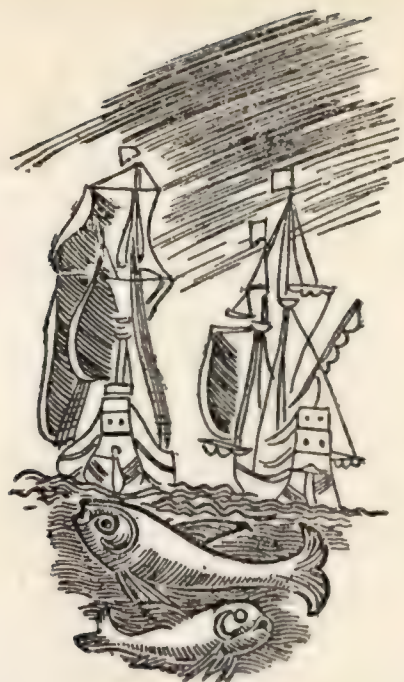
AMÉRICO NOGUEIRA **A Fotografia é uma arte**

CAPA DE EDUARDO ANAHORY — FOTOGRAFIAS DE: A. SANTOS ANDRE, ALVARO VALENTE, ARTUR ARAOJO, CESAR DE SA, EDUARDO FERRAZ, HENRI ALBERT, JOAO CESAR VIEIRA, MANFREDO, MARIA L. VIANA JORGE, MARIO NOVAES E ENG.º PEDRO AFRA.

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 60\$00 — Estrangeiro: 85\$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua Gonçalves Dias, 62, Rio de Janeiro

Capa e fotolitografias: Litografia de Portugal e Fotogravura Nacional, Lda. — Gravuras: Bertrand, Irmãos, Lda., e Fotogravura Nacional, Lda.
— Composição e Impressão: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade

PREÇO: 10\$00



ELOGIO DO NOSSO MAR

por

MARIA DE CARVALHO

A uma paisagem sem água falta uma grande parte de encanto. A água, seja mar ou rio, dá logo frescura, graça, movimento, riqueza. Portugal, nesse ponto, é largamente favorecido pela natureza: a água canta-lhe a sua eterna canção, nas ondas, cuja voz murmura na bonança ou clama na tempestade; na corrente dos rios e dos ribeiros, sussurro leve, como cantiga de embalar; no brando gotejar das fontes, e no despenhar das torrentes, caindo espumantes dos alcantis das serras.

E assim, na diversidade da nossa paisagem, há sempre a água a realçar-lhe a beleza. O soberbo Atlântico, banhando esta faixa de terra estreita, recortou-lhe caprichosamente o perfil e deu-lhe, aqui, a feição grave e adusta dos rochedos a pique, além, a praia suave, de areia lisa e macia alongando-se em dunas ou curvando-se em baías acolhedoras.

E o Mar, esse mago da cor, que tem nas suas vagas tantos cambiantes de azul, de verde, de cinzento, tornou a luz do nosso litoral maravilhosa, repassando a atmosfera de tons delicados, como se nela se diluíssem as sete cores do arco-íris.

O português, intuitivamente nauta e pescador, abalou para as Descobertas ou instalou-se à beira-mar e começou a construir os seus barcos típicos, rabelos ou moliceiros, de molde e engenho antigo, com as suas pinturas ingénuas e os seus nomes de fé — «Senhora da Guia», «Estrela do Mar»...

E as velas brancas ou atijoladas recortaram-se no azul.

Nessa faina do mar, a rede, tecida pelas mãos rudes, foi como que o esboço da renda — a renda de Peniche, que nasceu à beira-mar e imitou nos seus cortes a babugem que a espuma desenha na areia.



«Mariposas» do cais — Fotografia de Artur de Araújo

O Mar, com as suas tarefas e os seus mistérios, com os largos horizontes que desvendou, com as suas viagens e a sua pesca, com a sua beleza e a sua aventura, foi para os portugueses a sedução, a riqueza, a dilatação da fé, a abnegação, o perigo, o sacrifício e a glória. Foi tudo: novas terras, novos mundos, novas gentes.

Os rios tornaram-se estradas luminosas que ao mar conduziam e o Tejo, em que Lisboa se debruça, foi a estrada real das Descobertas.

Os rios, como veias, cujo sangue para o mar corria — água doce e rica, que fecundava a terra — fixaram também o povo à sua beira: cidades, vilas, aldeias ribeirinhas, rodeadas pela verdura fresca dos campos férteis.

A mão, que não movia o leme ou o remo, agarrava-se firme à charrua, abria sulcos na gleba morena e o mar de oiro do trigo ondulava em seara rica. O Tejo, na sua longa carreira — ora de margens escarpadas, ora com a sua bordadura de salgueirais, e em Lisboa, perto da sua foz, espraia-se entre colinas baixas — foi sempre o nosso rio mais amado, inspirador de poetas, até do mais alto de todos — Camões; o Sado, azul como nenhum outro dos nossos rios, teve também o seu poeta, Bocage, Elmano Sadino; o Mondego, que banha Coimbra, a velha e linda cidade, com ela tem sido celebrado; o Douro, com a sua cor metálica e as suas ribas, o Lima, de margens verdejantes, também possuem a sua beleza, os seus barcos, os seus poetas... — e todos lá vão ter ao grande mar, levando-lhe as canções das terras por onde passaram.

O Mar! — água revolta e murmurante em que a nossa agitação humana como que se reflecte, se embala e se amplifica! Percorrendo Portugal de norte a sul, vemo-lo em toda a parte:

Em Viana do Castelo, do alto de Santa Luzia, esplendido e cintilante ao belo sol do Minho... Em Espinho, imponente e alteroso, erguendo-se embravecido... Na Barra de Aveiro, marulhando, espumante e glauco, e acalmando-se na Ria, em cujas margens se elevam as motas alvíssimas de sal. . Na Figueira da Foz, recebendo o Mondego nos braços fortes e acendendo-se,

«No Tejo». — Fotografia de Cesar de Sá





«Companheiros». — Fotografia de João Cesar Vieira

nas noites escuras, em fosforescências estranhas... Na Nazaré, leal e majestoso, repetindo a velha lenda de D. Fuas Roupinho... Em S. Martinho, recolhendo-se manso à pequenina baía... Na Foz de Arelho, suspirando madrigais à Lagoa de Óbidos... Em Cascais e no Estoril, brando, caricioso, azul, na curva da sua concha enorme... Na Ericeira, em noites de luar,



«Depois da Pesca». — Fotografia de Eduardo Ferraz

banhando de espuma branca as Furnas e deixando toda prateada e clara a rocha denegrida... Na Caparica, contando a sua queixa ao areal ardente... Em Sesimbra, setinoso e imenso, falando ao castelo, dos velhos tempos... Na Praia da Rocha, passando pelos arcos triunfais que ela lhe ergueu... Em Sagres, clamando a história da águia real que ali pairou, o grande sonho do Infante...

E nós, ó Mar! velho amigo e companheiro, esquecemo-nos, muitas vezes, de que te devemos tanto! Pais ou mestres, temos obrigação de abrir a tua cartilha maravilhosa diante dos olhos das crianças, de ensinar-lhes as velhas rotas, de contar-lhes a tua história, as tuas lendas, as tuas fainas, a tua poesia! Estando nós à tua beira, ó grande Mar Atlântico! — tão belo e tão grande que no Brasil, Portugal de além-mar, já espelhas outras estrelas — esquecemo-nos do que és nosso e nós somos teus, e que és sempre o triunfal caminho que nos liga ao Mundo Novo, e a fonte de riqueza em que as nossas forças se renovam nas terras distantes...

Que os portugueses de hoje e de amanhã amem a beleza eterna dos nossos rios e do nosso Mar!



ESCOLA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI
Mestre do retábulo de Santa Aulá—Martírio das Onze Mil Virgens
—Egreja da Madre Deus



O MAR

E OS ARTISTAS PORTUGUESES

por *DIOGO DE MACEDO*



Geogràficamente «à beira-mar plantado», Portugal devia ser um país de pintores marinhistas. Por cada zona de costa, em cada praia, em cada burgo de pescadores, seria natural que, pelo menos, um pintor colhesse e arquivasse em sua obra os aspectos da natureza marinha e os da vida desses sítios, como aconteceu há meio século na Póvoa de Varzim e modernamente sucedeu na Nazaré: por cada companhia de marítimos, por cada

actividade de marujos e de varinas, devia haver, em proporção, um retratista das águas, dos céus em permanentes mutações e das fainas de bordo, como incidentalmente aparecem no porto de Setúbal ou de Leixões e nos cais do Tejo: e por cada período histórico de nave-

gações largas e descobertas para além, podia ter havido um acertado núcleo de cronistas gráficos dessas aventuras, desses sonhos e dessas formidáveis empresas, que nos houvesse deixado em painéis e gravados a memória de tantas imagens, freimas e heroicidades, tanto mais que se sabe terem embarcado pintores nas naus que foram às Índias e bateram a costa africana.

Tanto a «História Trágico-Marítima», como as de viagens aventureiras dum Fernão Mendes ou dum Cavaleiro de Oliveira, que, lendárias ou reais, são parte da glória da nossa raça, assim como os contos de quantas «Naus Catrinetas» que os nossos poetas inventaram, deviam também ter tido os seus ilustradores, para testemunho plástico da nossa paralela fantasia de atlânticos contemplativos; e as páginas totais do «Lusíadas» — e não somente os seus cantos — igualmente para honra e orgulho dos nossos artistas, há muito que podiam ser interpretadas por quantos maiores desenhadores, como que num concurso de deveres e brios para provas de competência interpretativa presente e futura.

Essa gostosa colaboração





Mestre da Lourinhã — S. João Evangelista na ilha de Patmos (Pormenor) — Escola Portuguesa do Século XVI

numa espécie de compita de patriotismo e de honra, não teve em seu tempo nem terá, por certo, a precisa iniciativa, porque nesta «ocidental praia lusitana» quando os artistas não deliberam voluntariamente, raros são os empresários que deles se lembram e os aproveitam.

Pouco ou quase nada, nesse sentido, se realizou em Portugal. O País Atlântico situado no extremo «onde o mar começa» não pode ser considerado de pintores marinhistas ou de cronistas documentadores da história marítima. No entanto, o mar, directa ou indirectamente, inspirou alguns dos nossos melhores artistas plásticos. Pouco haverá arquivado ou a arquivar — quando teremos nós um Museu do Mar? — relativamente ao extraordinário número de motivos que a História nos legou e igualmente em relação aos permanentes espectáculos oceanográficos que há oito séculos na nossa costa se multiplicam. A própria imaginação dos artistas tem sido pouco estimulada naquela via. Com os olhos voltados para a Europa, nem sequer nos apercebemos da direcção que o Sol nos indica na sua viagem para o lado do mar. A mais antiga e, porventura, a mais genial realização plástica dos portugueses, encontra-se no Políptico de Nuno Gonçalves, no painel



Gravura do Livro de J. V. Lavanha. (Biblioteca Nacional de Lisboa).

dos «Pescadores». Só por si essa tábuia esguia é a glorificação duma era, memorando a epopeia marítima, tendo para mais a seu lado as imagens do Infante de Sagres, de Afonso V e de João II. O mar nesses tempos era uma presença que se impoz a um génio portentoso em Arte. Depois, no século XVI, outros pintores o auscultaram, dando-lhe



Naus Manuelinas —Escola Portuguesa do Século XVI. (Museu Greenwich de Londres).



ALFREDO KEIL — MARINHA
Colecção Luiz Keil



Pousão — Barcos. (Colecção Agostinho Fernandes)

contudo lugar de segundo plano, nos fundos decorativos dos seus painéis religiosos, como nesses patentes no Museu das Janelas Verdes, no da Misericórdia da Lourinhã e nos que se encontram em galerias estrangeiras, levados de cá. As naus e caravelas, principalmente, deslumbravam esses artistas. E desenhavam, então, páginas de livros de armadas, iluminavam-se outros, de Horas, fixando cenas e novidades documentais de armadores e estaleiros. No volume de Duarte Galvão, ao gravar-se uma vista de Lisboa, foram as naus do mar português que maior importância tiveram naquele panorama.

Mas os escultores também sondaram e amaram o mar ao compor o complexo e exuberante estilo chamado «Manuelino», que outro não é senão o «Atlântico». Quantas sugestões e lembranças, temas e saudades do mar esses desvairados decoradores descobriram na sua



Silva Porto — Marinhas

imaginação e no seu coração, acarretando-as para ali a fim de inventarem aquela expressão de glória nacional. No «Barroco», que entalhadores e imaginários burilaram mais tarde, semelhantes remeniscências marítimas surgiram. Mais tarde, no século passado, criou-se a voga de pintar barcos em águas paradas em horas do poente.

Modernamente, os nossos artistas também, uma vez ou outra, por paixão ou incidentalmente, têm sentido e retratado o mar, sobretudo dos portos ou das praias. Raros são aqueles que se lançam ao turbilhão das águas, vão pelo mar fora e pintam o mar só pela sua beleza.

Em composições de sentido histórico pouco possuímos; mas em documentários da luz e do pitoresco das costas, uma simpática colecção de quadros poderíamos reunir em galeria especial. De Silva



João Vaz — Beira-Mar

Porto a Roque Cameiro, de Marques de Oliveira a João Vaz, de Pousão a Sousa Lopes, de António Ramalho a Constantino Fernandes, de D. Carlos a quantos modernos pintores, o número dessas telas é considerável e a sua expressão merece bem o arquivo destas páginas, onde navegantes, pescadores e banhistas explicam uma propaganda justa.

Almada Negreiros, Eduardo Viana, Carlos Botelho, Rebocho e tantos, parece na verdade serem europeus, mas não negando a sua atávica herança de «herois do Mar, nobre povo!»

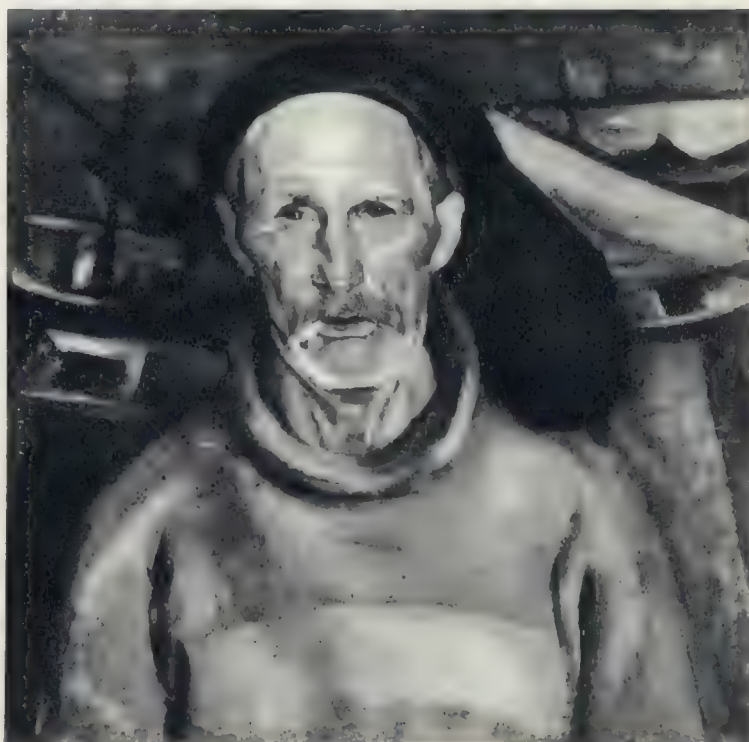
Seria de desejar que nas escolas de arte e centros de cultura se estimulasse, e até premiasse essa paixão pela pintura do mar, fornecendo-se temas para concursos que evocassem a nossa glória de mareantes e guiando, a par disso, os artistas das mais modernas gerações a inspirarem-se ou a colherem do vivo os mil motivos pitorescos e movimentados, deslumbrantes de colorido e tentadores na composição, das multiplas actividades dos cais, da luxuriosa agitação das praias e, por

Roque Cameiro — Praia das Maças. (Museu Nacional de Arte Contemporanea).





consequencia, da variegada e sempre inédita sinfonia das águas, quer em emocionais calmarias de luzes imprevistas, quer em horas tempestuosas, onde o sol nelas refletido tem aspectos de revolta apolalíptica duma joalharia fantástica. Não pode afirmar-se que sejamos um povo de pintores devotos da História Pátria. Do contrário não nos faltariam aqueles orgulhosos painéis a retratarem quantas cenas de bordo, composturas de embarque e desvairros nas lutas travadas em quantos mares os portugueses cortaram. Se tivéssemos o



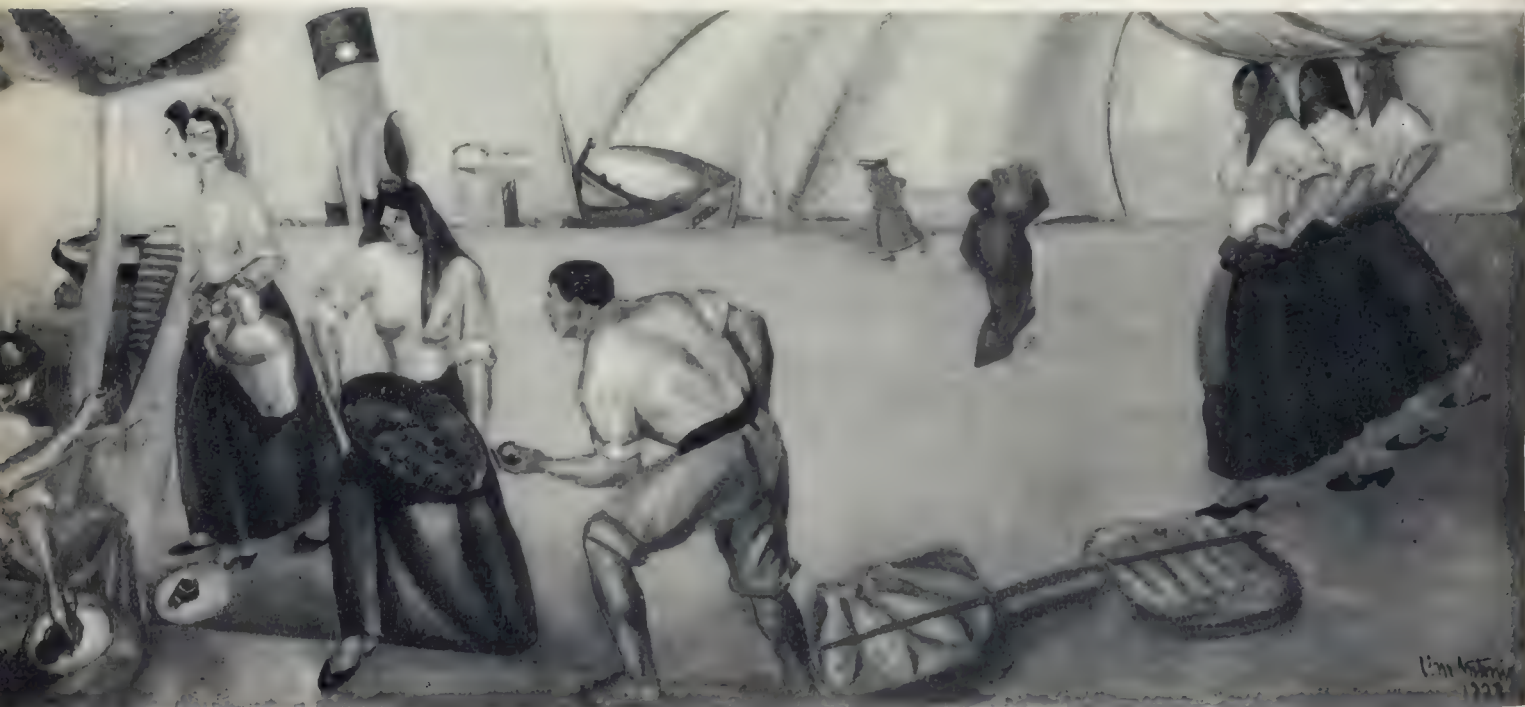
Sousa Lopes — Lançar do Barco. (M. N. de Arte Contemporanea).
Rebocho — Pescador. (M. N. de Arte Contemporanea).



sentido épico da História, se sentissemos o drama da aventura e das Descobertas de outrora, farta seria a colecção de panoramas em pintura com que engalanaríamos as vastas paredes dos Edifícios Nacionais, como acontece verem-se nos palácios de Inglaterra ou nas galerias flamengas e alemãs. Mas nós na realidade nunca passamos de tímidos ilustradores do «Lusiadas», por culpa principal daquela míngua de estímulos nestas sugestivas crónicas plásticas.

E porque tão pouco ninguém tenha até hoje pensado em organizar paradas de artistas a mandar às

Pedro Jorge Pinto — Barcos
Lino António — Tipos da Beira-Mar





Dordio Gomes — Barcos

nossas colónias, deixando estas ignoradas na sua beleza maior, também não temos no sangue aquela exaltação precisa para documentar as costas africanas, as praias basilicas ou as acidentadas águas do Oriente, que foram também «praias lusitanas». Da iniciativa individual apenas podemos contar com a obra do pintor Fausto Sampaio, honroso peregrino das rotas antigas, e dum ou doutro fantasista que imagina, por não poder ter ido ver.

Pelas estampas do presente comentário, vê-se no entanto que o pintor



Carlos Botelho — Cais

em si não queda indiferente ou insensível aos espectáculos marítimos. Alguns mesmo, que aqui não se apresentam, têm produzido telas importantes com a representação da nossa epopeia nos mares tenebrosos. Ainda há pouco, Sousa Lopes criou uma série de cartões onde arquivou, com audácias de cor, determinadas cenas meio sugestivas dessa epopeia. E — sem esquecermos os «ex-votos», muitos deles encantadores, e as graciosas decorações de barcos de pesca, obras de especialistas pintores anónimos do nosso povo — outros artistas têm, igualmente, seguindo a poesia das lendas e dos contos passados, composto e pintado formosos painéis, como são os frescos de Almada Negreiros nas Gares Marítimas de Lisboa, que representam páginas do engenho português.

Essa «Nau Catrineta» é um monumento lavrado em poesia. E é, pois, a poesia dos mares, ainda que em fraccionados cânticos, que os pintores portugueses têm colhido em suas telas, cada época com seu aspecto e desejo, cada artista com sua visão e sensibilidade.



MILY POSSOZ – BAIA DE CASCAIS
Museu Nacional de Arte Contemporânea

PORTUGAL, EL DULCE ENIGMA

Quando da representação de Portugal na Feira do Livro Espanhol, e das festas portuguesas que se realizaram no País vizinho — nomeadamente em Barcelona — o notável ensaísta e Professor Catedrático GUILHERMO DIAZ-PLAJA pronunciou o seguinte discurso:

GUARDO tanta dulzura de mis horas portuguesas y siento tanta estimación intelectual y humana por la gran figura europea de António Ferro que mentiría si no os dijese que acepté como una tarea de alegría y honor la de decir unas palabras en esta fiesta en que va a vibrar entre corazones españoles, lo que de más hondo y emocionado existe en las almas lusitanas.

Me gusta decir que no se es español del todo hasta que no se conoce América; acaso también hasta que no se conoce Portugal, el dulce enigma que a veces no miramos bastante por tenerlo demasiado cerca. Y hay que escrutar los ojos de esta tierra hermana próxima con la misma delicia con que nos asomamos a la ciudad desde Lisboa de uno de aquellos verdes *miradouros* a cuyos planes se derrama desmayadamente la ciudad.

Su secreto es su mar. Por el aire, rodando sobre las nubes redondas, llegan las brisas atlánticas con su caricia de humedad y de fuego. Lisboa espera cada día su mensaje y su mandato para estremecerse con violencias huracanadas del Norte o aletargarse con el sueño tropical del Sur. Un fuerte vaho caliente y mojado alcanza a los más altos jardines. Al atardecido, cuando el castillo do San Jorge se llena de banderas antiguas, se hace un silencio de cristal esmerilado sobre sus plazas y la más bella de todas — una de las más bellas plazas del mundo —, *O Terreiro do Paço*, incrusta su rotunda geometría cuadrilátera sobre el río abierto a la mirada fría de Pombal y al gesto extático de Camões. En este momento bajan, desde la meseta lejana, canciones de Toledo y de Talavera, y hay un vuelo más intenso de palomas sobre las cornisas.

Lisboa, puerta y ventana abierta. El estuario del Tejo — el duro Tajo se hace blando Tejo, con su jota blanda, al entrar en tierra portuguesa — es, ciertamente, como un inmenso balcón decorado con las luces de Estoril y de Cascais que se abre hacia Occidente, como una enorme piedra blanca que marca el hito último de las despedidas. Más allá el mar con un sordo rumor que hace más vivo el silencio. Portugal — como Lisboa — está así a la merced del mar y del viento. Pero tiene, también, su honda raíz clavada en tierra — férreo antídoto de su sueño, ancla firme de su nave soñadora. Y este es el gran secreto del alma lusitana. Yo quería conocerlo. Sabía de su dificultad. Demasiado claros los perfiles de su mitad conquistadora y navegante; los símbolos serían el Rey Don Sebastián y Fernando de Magallanes. Pero ved, como detrás de su aventura está la muerte. Ved en cambio como hay algo en el alma lusitana que habla de la sagacidad y de la prudencia: ved como Vasco da Gama llega, negocia, conquista, funda. ¿Hay, junto al alma quijotesca, una medida capacidad de ajuste a las realidades? Un mapa antiguo de Portugal me dió la clave: Lisboa se llamó en un tiempo Olisipo, porque su fundador fué Ulises. Frente a Don Quijote, a quien las aventuras salen mal, he aquí — como ha dicho un escritor — a Ulises, a quien las aventuras salen bien. La aventura llevada a buen término, conservada hasta hoy como un enorgullecedor tesoro casi intacto, se llama — como ya sabemos — imperio colonial portugués.

Pero si los resultados han sido distintos hasta cierto punto (he aquí, en cambio, el Brasil como prenda de maternidad creadora de pueblos libres) en las marchas heroicas nuestros atambores han resonado parejos, y las banderas se han clavado muchas veces sobre tierras vecinas. Pero, sobre todo, son vecinas las almas.

Queridos portugueses, estamos, pues, en lo épico y en lo lírico entrañablemente próximos. De ahí que nos aprestemos a oír estos poemas y estas canciones con ademán fraterno y familiar. Sabemos ya que estos poemas y estas canciones rezumen unos sentimientos que han de llegarnos a lo más hondo. Y no he de deciros con cuanta emoción y con cuanta alegría agradecemos a António Ferro — y a sus ilustres compatriotas — que haya querido regalarnos con tanta delicada belleza.

Muchas gracias a todos.

GUILHERMO DIAZ-PLAJA

DAs festas que o Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo organizou na capital do Norte, durante o mês de Maio (cujo programa se regista na gravura da direita), merece especial relevo a que se efectuou nos magníficos jardins do Palácio dos Carrancas, na noite de 22. Um seleccionado público portuense teve ensejo de apreciar, nesse ambiente encantador, alguns números coreográficos admiravelmente interpretados pelo grupo «Verde Gaio» — de que é primeiro bailarino Guglielmo Morresi — acompanhados por um quinteto dirigido pelo Prof. Henrique Barbosa; um interessante recital poético por Maria Manuela Couto Viana, e diversas canções de inspiração folclórica, pelas artistas da Rádio Irmãos Meireles.

As festas do «Maio Florido», que se prolongaram até ao fim de Junho — em que foi tornado público o resultado do brilhante Concurso de Montras — deram ao Porto uma inusitada animação, constituindo o feliz prólogo das Festas da Cidade.



À esquerda: Oleo de Martins da Costa — Prémio «Armando Basto» no 2.º Salão de Arte Moderna dos Artistas do Norte, do qual reproduzimos, na gravura de cima, um aspecto da inauguração.

REALIZAÇÕES DO S. N. I.



Maria Tereza de Noronha cantando, em Barcelona, um fado do seu aplaudido repertório. — Em baixo: Maria Manuela Couto Viana, que entusiasmou o público espanhol com os seus recitais poéticos.

Os jornais espanhóis foram unânimes em salientar o brilho de que se revestiu a representação portuguesa na Feira do Livro, efectuada, há meses, em Barcelona. O S. N. I. promoveu, nessa altura, animadas festas, em que colaboraram, entre outras artistas, a cantora de fados Maria Tereza de Noronha, e a poetisa e recitadora Maria Manuela Couto Viana.



IMPÕE-SE DESCOBRIR

DESCENDO O RIO

A NOSSA PAISAGEM!

DE BARCO LIMA...

Este cepticismo só é justificável em relação aos aviões, que estão a querer assassinar o prazer da viagem e o gosto da verdadeira aventura. Isto mesmo nos dizia, há pouco, à sua maneira, o artista-fotógrafo Manfredo — que não gosta de estar parado nem de ter a sua máquina fechada na gaveta — contando-nos as peripécias da sua última excursão. As palavras da narrativa eram escassas, mas os documentos que ele nos ia apresentando tinham a eloquência que os leitores estão vendo.

Manfredo foi desvendar os encantos da paisagem minhota. Sabia que alguns dos nossos maiores poetas haviam cantado o rio Lima e quis ver com os próprios olhos se eles não teriam exagerado... Foi até Ponte da Barca.

Levou consigo um «caiaque», barquinho leve, ligeiro e elegante, que se pode montar em qualquer parte e em poucos minutos.

Assim fez, num sítio propício de uma das margens do rio — tal como se vê na terceira gravura desta reportagem fotográfica.

Águas serenas e cristalinas, correntes caprichosas mas domáveis. A paisagem começou a abrir-se ante os seus olhos

*N*ão falta quem afirme que está tudo visto, que o Mundo é muito pequeno, que já nem vale a pena viajar. Eis uma das grandes mentiras do nosso século.





deslumbrados: longas extensões de variadas culturas, o gracioso casario das aldeias, alegres raparigas lavando roupa, múltiplos aspectos da faina ribeirinha... tudo risonhamente colorido, emanando uma calma que convidava (sim, os poetas tinham razão...) à meditação e ao êxtase.

Ponte da Barca, limite entre as veigas mansas do Lima, descendo brandamente até ao mar, e as serras, as gargantas umbrosas de Vale de Vez — onde surge a vinha de enforcado — ia-se afastando... O «Chamariz», nome que Manfredo pôs ao seu barquinho, transportava uma barraca de campanha. Chegado a Ponte do Lima, armou-a numa das margens. Tinha já visto e focado muitas coisas belas, diferentes, inesquecíveis. Por sorte, Ponte do Lima estava, nesse dia, animadíssima: era a feira anual da povoação. Há sempre um prémio para quem se aventura. — «Valeu a pena, Manfredo?» — «Se valeu! Logo que





possa, voltarei. Mas há tantas outras paisagens a descobrir!...»

Não: a terra não é pequena. Nem o Minho é pequeno. É tudo muito grande e está quase tudo por desvendar. Nós é que somos pequenos... e preguiçosos.



Reportagem fotográfica
de Manfredo



NOÉMIA E AS SUAS MENINAS

São Paulo, que presenteou a moderna pintura brasileira com o gênio inquieto de Tarsila e com o gênio perseverante de Portinári, deu-nos também o talento harmonioso e delicado de Noémia. O que Tarsila tem de ideológico, de explosivo, de revolucionário, o que tem Portinári de grave, de sedentário, de pedagógico — tem Noémia de suave, de plácido, de íntimo, de despreocupação e, simplesmente, de bom gosto.

As meninas de Noémia são aquelas meninas-modelo de antes da guerra. Tão educadas, tão preparadinhas, tão filhinhas de papás burgueses. Estudaram num colégio de Sion ou num «Sacré Coeur», falam francês com perfeição, falam um pouquinho de inglês com muito sotaque francês, tocam piano com bastante sentimento, sabem uns dedinhos de pintura, lêem romances «rose» de Ardel e de Delhi, adoram versos de Musset e Gerald. Também recitam alguns sonetos de Guilherme de Almeida. Quando saem, quando vão à missa de São Bento, à «matinée» do «Odeon» ou do «Paramount», quando vão tomar chá com as amiguinhas no «Mapple» ou no «Paulistano», Mamãe as prepara como se fossem bonecas, com vestidos de Patou ou de Lanvin, penteia-as muito bem penteadinhas e enfeita-lhes os cabelos compridos e fofos com fitas de seda, com florzinhas azuis e cor de rosa, com aqueles véus transparentes tecidos com a garoa aristocrática do Anhangabá. Meninas caprichosas, essas pequenas. Meninas viajadas também. Antes da guerra, vinham a Paris todos os anos, passeavam no «Bois», faziam compras nos «Grands Boulevards», iam às «matinées» da «Comédie» e às vezes, à noite, depois da Ópera, os pais ofereciam-lhes a surpresa de uma fugida até alguma «boite» de Montmartre, onde avistavam «apaches» e bebericavam uma taça de Champagne...

Certa noite, em 1940, encontrei em Montparnasse uma moça muito parecida com essas meninas de Noémia. Coitadinha, estava tão apreensiva, tão desasossegada com os acontecimentos na Europa, tão morta de saudades da paz da Avenida Angélica, dos chás do «Mapple», dos «footings» na Avenida, da garoa de Higienópolis! Conversámos durante uns instantes. Quando me estendeu a mão, fina e morena, para me dizer adeus, perguntei-lhe o nome. Era a própria Noémia...

Diante dos quadros de Noémia a gente esquece os problemas plásticos, para gozar apenas o prazer da convivência com a sua família de pequenas granfinas. Pintar, para Noémia, não é descobrir efeitos nem é tentar experiências. A sua pintura é uma forma normal de conceber, é um carinhoso e constante exercício de maternidade. Pintura bem feminina. «Arte feita essencialmente de sensibilidade», como já observou Sérgio Milliet. Vale a pena lembrar também o que disse Murilo Mendes: «Justamente porque o mundo se está afundando na violência e na barbárie, é que a pintura de Noémia ganha oportunidade: é um «rappel» discreto mas contínuo, insistente, às nossas reservas de simplicidade e harmonia...»

JOSÉ AUGUSTO CESÁRIO ALVIM



NOÉMIA — A MENINA E O PÁSSARO



SOBRE TAPETES BORDADOS PORTUGUESES

PELO

PROFESSOR CALVET DE MAGALHÃES

A origem da tapeçaria bordada a agulha perde-se na antiguidade, porque em todos os tempos foi ocupação favorita dos bordadores e das bordadeiras. No luxo medieval e do Renascimento eram até os objectos mais apreciados e procurados no nosso país, juntamente com os azulejos, e nada havia de mais ornamental e que esteticamente satisfizesse o gosto da época. Mas, como salienta Sousa Viterbo, também quanto às tapeçarias em geral, mais fáceis de transportar, as magníficas tapeçarias que adornavam os palácios da realza e da fidalguia, as catedrais e as casas dos burgueses endinheirados, foram desaparecendo, de modo que hoje são difíceis de encontrar.

A arte de tapeçaria, que tem um cunho acentuadamente oriental, veio-nos do Oriente como vieram as religiões, o alfabeto, a linguagem, a cerâmica, os tecidos e o papel. Os povos do Oriente, mesmo os que atingiram a grande civilização, conservam da vida nómada o hábito de se sentar no chão, sobre tapetes preciosos e de restringir até a decoração interior das habitações aos tapetes.

Esta arte oriental, durante as cruzadas do Ocidente, conquistou os vencedores dos árabes, pois os príncipes e cavaleiros cristãos encontraram nos despojos de guerra, no período da Reconquista, preciosos tapetes com que logo adornaram os seus castelos. Como ficaram por cá, depois de submetidos os mouros, muitos artífices dessa arte, ela foi-se insinuando entre o povo pois era uma ocupação útil e de saboroso entretenimento. A ornamentação com tapetes das nossas casas, das ruas e janelas nas grandes solenidades, das naus e galeotas, dos anfiteatros e das igrejas, são prova disso. Como bordado a fios contados, como é essencialmente, foi fácil a sua propagação, embora os pontos rectangulares dêem à composição um aspecto forçado, geometral. Contudo a facilidade de mudança de desenhos, formatos e coloridos, assim como a sua fácil adaptação aos variadíssimos

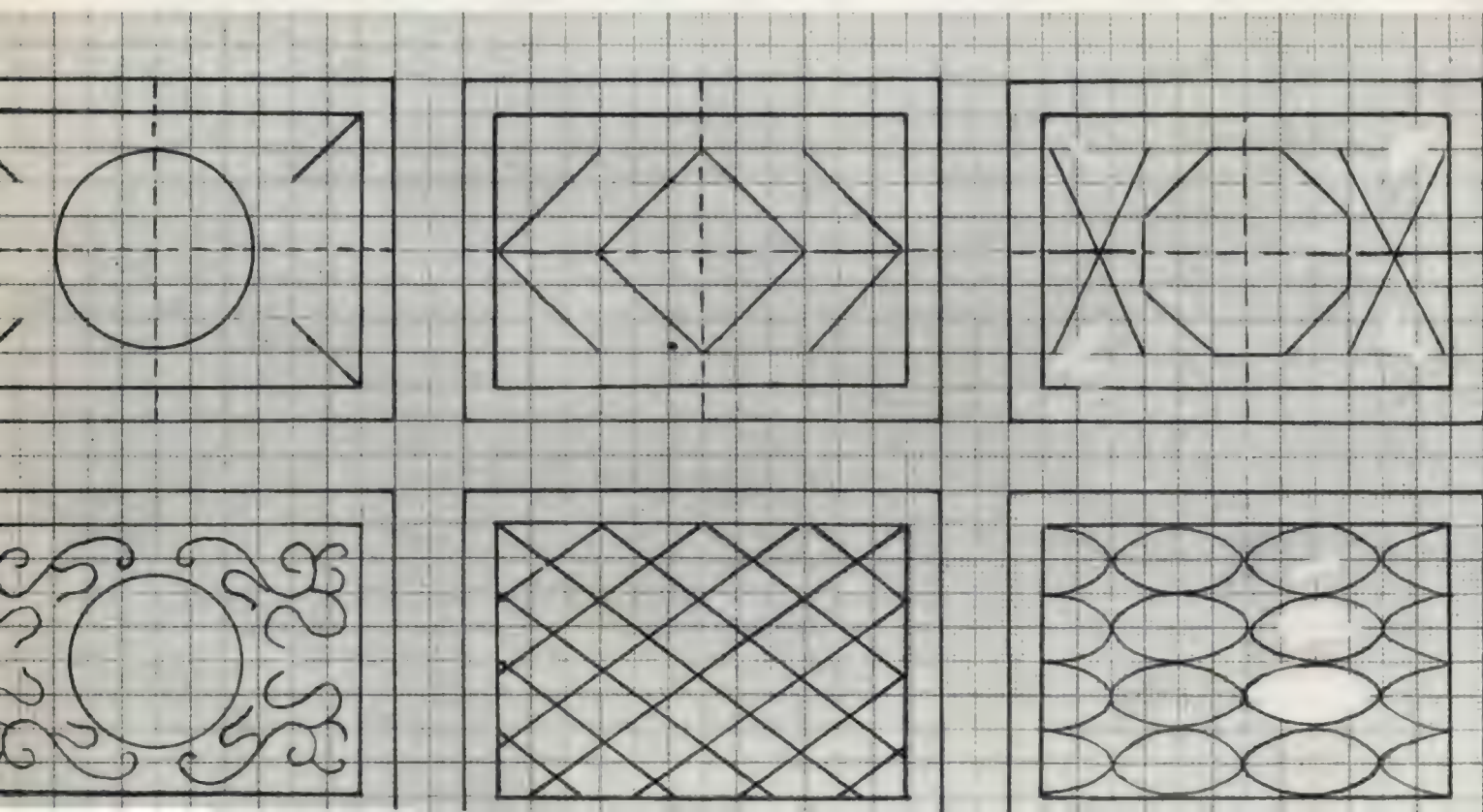
requisitos dos decoradores, deram-lhe uma preferência desmarcada que, acrescida do seu valor artístico de indiscutível apreço, facilmente explica como rapidamente se tornou uma arte das mais populares e também em certos casos se apegou a formas inalteráveis.

Compreendem-se hoje sob o nome genérico de tapeçaria todos os géneros de bordado a fios contados, com que os pontos cobrem por completo o tecido sobre que o bordado se executa. Há pois grande diversidade de trabalhos de tapeçaria devido à variedade dos pontos que permitem acompanhar as mais modernas idealizações. Dos erros gerados, o que mais ignorância evidencia é a da tapeçaria bordada com a tapeçaria tecida e indicar-se aquela como um género diferente do bordado. Os regimentos de bordadores e tapeceiros irmanavam-se até no século XVI, como aponta Sousa Viterbo, que reconheceu uma íntima correlação entre a indústria das tapeçarias e a dos bordados. Mas uma classificação racional deste género não permite considerar como um género à parte os tapetes bordados a agulha mas sim como uma divisão da classe dos bordados a fios contados em que há a particularidade de os pontos taparem completamente e protegerem o tecido.

Um bordado a fios contados nessas condições é um tapete e a designação de tapetes bordados informa e esclarece perfeitamente o assunto. Todos os outros ou são tecidos e bordados à mão em teares, o que é uma indústria manual, ou são uma indústria mecânica — os tapetes completamente tecidos. Se estendermos entre duas varas uma série de fios formando uma teia regular, e se passarmos, entre esses fios, de par a par ou de ímpar a ímpar, outro fio que os cruze; e depois, de alcançada a ourela, trouxermos esse fio móvel em sentido inverso, teremos, assim esquematizada a operação fundamental da tecelagem. Aplique-se à mais fina tapeçaria como ao mais grosseiro tecido, esta técnica, a base é a mesma: consiste em contrariar a série dos fios de teia ou barbim por outra série de fios que constitui a trama.

Uma perfeita tecelagem supõe portanto a igualdade, a regularidade, a finura do trabalho e do liço. A sua robustez e qualidade provêm da observação dum princípio absoluto: qualquer método ornamental deve exprimir as próprias condições da execução; a sua realização deve contribuir para a solidez do tecido; e a sua composição, o movimento geral do desenho; a direcção das superfícies coloridas seguirão, portanto, o sentido perpendicular ao barbim, de modo a cruzar fortemente a teia. As mais antigas tapeçarias egípcias, coptas, gregas e romanas são todas executadas segundo esta fórmula. Mas não se atribua à indigência dos meios de que dispunham os antigos fabricantes de liços, a sua submissão a esta lei do estilo, pois foi em plena liberdade que aceitaram a sua disciplina

Diagramas das composições vulgares dos Tapetes de Arraiolos





do ofício: os testemunhos, felizmente inúmeros, do seu racionalismo assimilam-no bastante ao nosso tempo, que dispersa e aniquila o próprio excesso do seu saber (1).

Tapeçaria tecida— tapeçaria manual feita em tear —, tanto de pêlo alto como de pêlo raso, tal como se podem ver nas célebres manufacturas francesas de Gobelins e de Beauvais e entre nós em Beiriz e Ponte da Pedra, respectivamente, é uma coisa distinta do bordado propriamente dito, pois não são bordados à agulha sobre tecidos. Há, pois, que distinguir tapeçaria manual feita em tear de tapeçaria bordada e considerar esta uma divisão do bordado.

Os bordados de fios contados como o tapete bordado, no qual o modelo realizado ou desenhado sobre quaàricula ou outra rede especial, serve de guia para ir contando os fios de trama e de bar-



Tapete de Arraiolos proveniente da Confraria do S. S. na Igreja Matriz de Campo Maior

bim no tecido de fundo, tem necessariamente de ser um tecido adequado (cada quadrado no desenho representa um ponto no tecido de dois, três ou quatro fios) pois em outros tecidos a contagem dos fios é praticamente impossível e muitos não oferecem a resistência necessária.

Em Portugal, a indústria dos tapetes pode dividir-se nas duas classes distintas que já apontámos: a manual e a mecânica. Da indústria mecânica existem poucos exemplos no nosso País e não têm verdadeiramente qualquer valor artístico. Da indústria manual vêm-nos as nossas melhores obras; é a classe dos tapetes bordados em teares, sobre tecido manufacturado à medida que se vai bordando e na qual se devem considerar duas variantes: as dos tapetes de pêlo alto e as de pêlo raso. Incluem-se na primeira Beiriz, fundada em 1919, e na segunda Ponte da Pedra, fundada em 1921. Depois de Beiriz, outras tentativas têm sido feitas mas a falta de preparação de dirigentes e executantes, sobretudo no que diz respeito à competência artística, levaram-nas à decadência. (No Regimento de tapeceiros, exigia-se antigamente entre outras coisas que: deveriam saber fazer um rosto de homem com barba, um pé, uma mão, e as competentes roupagens com as suas sombras!).

Estas questões são problemas industriais e comerciais, assuntos muito sérios de educação técnica ao povo, ainda por resolver na maioria das Escolas Industriais, por não se estudarem devidamente as coisas, por falta de meios ou pela inexistência de programas ou métodos de trabalho apropriados. Joaquim de Vasconcelos assinalava em 1900 que «Ainda em 1878 confundiam em Évora os tapetes bordados à mão, nacionais, com os tapetes tecidos, de origem vária, europeia e exótica. Para os curiosos de coisas antigas, salvo raríssimas excepções, tudo era Arraiolos» (2).

Tapete de Arraiolos proveniente do Convento de Semide



Além da indústria apontada, existe ainda a chamada indústria caseira, mas com manifesta falta de direcção artística, e só a indústria de Arraiolos, indústria tradicional, merece atenções especiais (na Granja vêm-se fazendo algumas imitações dos tapetes de Arraiolos, mas mais grosseiras e menos características). Na Ilha da Madeira, com a isenção dos direitos de importação para a talagarça e fio de lã, foi possível introduzir a indústria de tapeçaria e pelas experiências (infelizmente com deficiente direcção artística) e negócios já realizados verificou-se que dentro de alguns anos deve ter importância notável, pois além de se esperarem benefícios para a economia deste arquipélago é um bom aproveitamento das grandes aptidões das madeirenses para os trabalhos de agulha.

A indústria caseira oscila entre a rotina orientalizada ou a gramática ornamental dos motivos novos, variáveis de técnica, mas indo àquelas fontes beber no sentido de transigir o mais possível com o gosto do público, em vez de o dominar inteligentemente. Veja-se, por exemplo, o que se passou com o cubismo e outras escolas de pensamento pictorial: tornou-se popular uma derivação desta forma, imitada da maneira mais atroz e mais ignorante por pessoas que desconheciam em absoluto os princípios que regem a Arte Cubista. Os tristes resultados

surgiram logo nas nossas fábricas inferiores, quando apresentam uma escala de desenhos sem sentido ou intenção e todos etiquetados de «futuristas». É o que está acontecendo à arte ornamental entre as classes ricas que parece ter renunciado à invenção e se ter resignado a uma espécie de impotência quase declarada pois o gosto da antiguidade está-se tornando o gosto da imitação.

Arraiolos no entanto, que ocupa o primeiro lugar entre a indústria caseira, mantém-se no aspecto de indústria tradicional e portanto reprodutora de padrões antigos ou de novas composições dentro dos tipos característicos. Sobre essa indústria que em Arraiolos chegou a tomar um grande desenvolvimento os nossos investigadores não vão muito além do século XVII. No espólio dos extintos conventos de freiras do Alentejo encontram-se restos dessa indústria de que reproduzimos alguns exemplares que estão no Museu Nacional de Arte Antiga.

Os tapetes e enxalmos de Arraiolos tiveram também como origem a imitação dos tapetes persas, mas não «mais ou menos bárbaramente inspirados» como pretendia Fialho de Almeida. As diversas épocas são assinaladas pelo cada vez mais complicado desenho dos arabescos de cunho persa inconfundível, embora nos mais modernos os artistas contemporâneos tenham influído nos motivos.



Tapete de Arraiolos. Século XVII



Tapete de Arraiolos proveniente do Convento do Bom Jesus (Vianna do Alentejo)

Os tapetes fabricavam-se sobre barbim e trama de canhamão ou estopa que as tecedeiras locais teciam sendo as lãs tosquiadas, lavadas, cardadas, tintas e fiadas pelas próprias bordadeiras. A lã era tingida em casa segundo receitas em que entram ervas e substâncias nem sempre muito bem cheirosas.

Actualmente o bordado de Arraiolos generalizou-se e quanto às matérias primas servem de fundo as vulgares estopas, grossarias, linhagens, serapilheiras e outros tecidos grosseiros. As lãs ainda se distinguem das outras como sendo de Arraiolos, mas em grande parte só têm de comum certas semelhanças cromáticas, estando a fabricação de alguns tons circunscritos a casas da especialidade.

(Continua na página 1)



A PROPÓSITO DO 9.º SALÃO DE ARTE FOTOGRÁFICA A FOTOGRAFIA É UMA ARTE

HÁ ainda, e haverá sempre, decerto, quem ponha em dúvida a afirmação expressa no título desta breve nota. A fotografia não é uma arte, porque o produto obtido é sempre uma reprodução mecânica de qualquer coisa: pessoa, objecto, paisagem, etc. Este é o argumento principal, e sem dúvida o mais considerável. Diremos até que permanece válido quando a fantasia do fotógrafo recorre a processos técnicos capazes de transformar a realidade a ponto de torná-la irreconhecível. No entanto, quantos produtos não mecânicos, a que se atribui a designação de artísticos, se encontram longíssimo da Arte! Pinturas, esculturas e desenhos que não falam à sensibilidade, à inteligência e à imaginação de ninguém, porque não revelam dons genuínos, nem talento criador, nem qualidades apuradas — nem nada! — exibem-se por aí aos montes, em Salões e livros, em revistas e paredes de casas particulares

Uma bela prova de Maria L. Viana Jorge
Exposta no 9.º Salão Internacional de Arte Fotográfica



«Fragatas na Docas» — Cliché de E. Portugal

e públicas. E pergunta-se: porque há-de chamar-se artista a qualquer pinta-monos desprovido dos mais elementares recursos naturais e técnicos, mas não pode dar-se a mesma designação a um fotógrafo que patenteia iniludivelmente nos seus trabalhos a posse desses recursos? E também se pergunta: porque é que um sujeito maior e vacinado, com o curso de engenharia e as melhores máquinas fotográficas do mundo, tendo aprendido todos os segredos da especialidade e posto à prova a maior paciência, não consegue nunca obter um cliché que se diga benza-te Deus, enquanto é frequente o prodígio de um pobre possuidor de um «caixote» produzir com a maior naturalidade dezenas e dezenas de fotografias excelentes?

Dezenas e dezenas, dissemos, para excluir o factor sorte, que por via de regra intervem nas primeiras experiências dos amadores, levando-os diabolicamente à convicção de que «isto de



No «Nono Salão Internacional de Arte Fotográfica» (realizado, há meses, em Lisboa e no Porto) exibiram-se vários documentos magníficos de tipos regionais — como esta «Rapariga», do Fotógrafo Henri Albert



«Colóquio Eterno». — Fotografia de A. Santos André

tirar boas fotografias é fácilimo!» Não é, não senhores. Fazer boas fotografias é difícilimo. Porque só faz boas fotografias quem sabe que as faz, como as faz e porque as faz. A fotografia é uma arte, na medida em que o fotógrafo é artista. (Não será assim, afinal, com todas as artes? A pintura também só é uma arte na medida em que for artista o homem que põe as tintas e os pincéis ao serviço da sua visualidade e dos seus conhecimentos técnicos).

Na página seguinte: «Nuvens», de Henri Albert



Onde melhor se reconhece que não é artista-fotógrafo quem quer, mas sim quem pode, é que esse «poder ser» se integra numa escala de valores que vai desde o bom ao óptimo, é nas grandes Exposições a que concorrem os mestres. Eis o interesse e a utilidade — até mesmo pedagógica — dos Salões Internacionais de Arte Fotográfica, como esse que o Grémio Português de Fotografia vem organizando, em Lisboa e no Porto, desde há nove anos. Duzentos e trinta foi o número de trabalhos expostos no Nono Salão, realizado, há poucos meses, na Sociedade Nacional de Belas Artes e no Clube dos Fenianos Portuenses. Desses trabalhos, quantas dezenas confirmam a razão de ser do nosso ponto de vista — aliás defendido por autorizados críticos de arte, como Eugénio D'Ors e Jacques Lassaigue, que não desdenharam incluir no magnífico «Almanach des Arts» de 1937 (o ano da Exposição de Paris) um capítulo dedicado à Fotografia.

AMÉRICO NOGUEIRA



«Projeções». — Composição fotográfica de Alvaro Valente

TURISMO

BOLETIM BIMENSAL

EDITADO PELO SECRETARIADO NACIONAL DE INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

O SENHOR ARMIN MEILI, Presidente da «Direction de l'Office Central Suisse du Tourisme», de Zurich, no almoço realizado após o acto inaugural da CASA DA SUIÇA em Lisboa — a que fazemos circunstanciada referência neste Boletim, na página das *Iniciativas e Realizações* — proferiu um interessante discurso, do qual registamos as seguintes passagens:

«Tal como a Suíça, teve Portugal a felicidade de não ver a guerra talar o seu território. Ninguém deve, contudo, ufanar-se de uma felicidade; antes, e de preferência, esforçar-se para se tornar digno dela. Esse esforço deve aproximar-nos, porque os nossos dois povos querem, ambos, servir a Paz e o Progresso, o bem da Humanidade.»

«Este paralelismo impõe aos nossos países relações cada vez mais íntimas; amizade, numa palavra, cada vez mais sólida. Por isso aqui viemos — e aqui nos encontramos.»

«Não desconheço a vossa brilhante epopeia. Também já tive o prazer de visitar Portugal, admirar as suas magnificências, e não apenas como presidente do Centro Nacional Suíço de Turismo, mas ainda como pintor e como entusiasta das belezas arquitectónicas

e naturais deste país e das qualidades tão acolhedoras dos seus habitantes.»

Depois de descrever, numa brilhante síntese, o itinerário dessa visita (que lhe deu ensejo de conhecer a Batalha, Évora e outros locais famosos do roteiro turístico nacional), o Senhor ARMIN MEILI declarou:

«Não foram, porém, somente a história e as paisagens de Portugal que suscitaram os meus entusiasmos por ele. Foi, também, a sua actualidade gloriosa, o seu moderno e magnífico desenvolvimento. Portugal é, com efeito, ainda mais do que outrora, o cais do Novo Mundo da Europa, a testa-de-ponte deste Continente infeliz, que tanto tem sofrido. E só basta, quando aqui nos encontramos, olhar em torno de nós, para ver bem as razões de quantos méritos houveram Portugal e os portugueses, no decurso destes últimos anos.»

E a terminar:

«Exprimo a viva esperança de que a vinda a Lisboa do Centro Nacional Suíço de Turismo contribuirá — por uma troca intensiva de sentimentos afectivos — para um estreitamento das boas relações entre os dois países, que tudo têm para bem se entenderem e que muito desejam entender-se.»

BREVE ROTEIRO DA COSTA DO SOL

BELÉM

Praça Afonso de Albuquerque
Monumento a Afonso de Albuquerque
Museu Nacional dos Coches
Palácio Nacional de Belém
Jardim Colonial (na Calçada do Galvão)
Praça do Império
Mosteiro e Igreja dos Jerónimos
Museu Etnológico do Dr. José Leite de Vasconcelos

Pavilhões da Exposição do Mundo Português de 1940
Restaurante do Espelho de Água
Base de Submarinos
Centro de Aviação Naval
Torre de Belém
Clubes Náuticos

Doçaria: Pastéis de Belém.

(Continua)

BREVE ROTEIRO DA COSTA DO SOL

PEDROUÇOS

Praia Fluvial
Clube Desportivo de Pedrouços (Piscina de natação)
Escola de Pesca, da Casa dos Pescadores

ALGÉS E DAFUNDO

Praia Fluvial (com estabelecimentos de banhos e aluguer de barracas)
Piscina-Estádio — Piscina do Sport Club Algés e Dafundo
Esplanadas, cervejarias, na Alameda
Praça de Touros
Restaurantes típicos
Aquário de Vasco da Gama (Museu Oceanográfico)

Doçaria: Bolachas e Biscoitos.

CRUZ QUEBRADA

Praia fluvial (com estabelecimentos de banhos e aluguer de barracas)
Estádio Olímpico Nacional
Base Naval da Mocidade Portuguesa
Cinema

CAXIAS

Praias fluviais (Pequena, do Forte e do Lagoal)
com estabelecimentos de banhos e aluguer de barracas
Escola de Natação Borrecho, na praia do Lagoal
Restaurante-Bar-«Dancing» «Vela Azul»

PAÇO DE ARCOS

Praia fluvial (com estabelecimentos de banhos e aluguer de barracas)
Estação de Socorros a Náufragos Patrão Lopes
Monumento ao Patrão Joaquim Lopes

Rinck de patinagem da Sociedade Desportiva de Paço de Arcos
Hockey Club de Paço de Arcos
Casino (Clube de Paço de Arcos)
Cine-Teatro-Esplanada Vitória
Pensão Moreira

Doçaria: Cacetes de Paço de Arcos.
Mimosos.

SANTO AMARO — OEIRAS

Praia (barra do Tejo) com estabelecimentos de banhos e aluguer de barracas
Monumento ao General Gomes Freire
Forte de São Julião da Barra
Restaurante-Bar-«Dancing» «A Cabana»
Casino Lido-Restaurante (estrada marginal)
Cinema
Ténis
Patinagem
Palácio do Marquês de Pombal (na vila de Oeiras)

Doçaria: Palitos de Oeiras. Biscoitos.
Bolachinhas finas. Bolos de Amêndoa. Laços de Oeiras.

CARCAVELOS

Praia (com estabelecimentos de banhos e aluguer de barracas)
Restaurante-Esplanada Paraíso
Sanatório Marítimo
Pensão da Casa de São Jorge
Quinta do Barão
Esplanada-cinema

PAREDE

Praia (com estabelecimentos de banhos e aluguer de barracas)
Rádio Club Português (Ténis, patinagem, etc.)
Esplanada-cinema

BREVE ROTEIRO DA COSTA DO SOL

PAREDE (Continuação)

Pensão Atlantida
Pensão Portugal
Sanatório Marítimo D. Ana Val do Rio

SÃO PEDRO DO ESTORIL

Praia
Colónia Balnear Infantil do «Século»
Pensão São Pedro

SÃO JOÃO DO ESTORIL

Praia
Instituto de Cegos Branco Rodrigues

ESTORIL

Praia (com estabelecimentos de banhos e aluguer de barracas, barcos de recreio, etc.)
Restaurante Esplanada do Tamariz
Casino: Salas de jogos — Restaurante — Salão de baile
— Cinema «Wander-Bar» — «Yacht Club»
(Restaurante nos terraços)
Parque
Ténis. — Golf. — Picadeiro
Balneário das Termas
Piscina (no Balneário)
Tiro ao Alvo
Hotéis: Estoril Palácio Hotel
Hotel do Parque
Hotel de Inglaterra
Hotel Paris
Pensões: Pensão Beira-Mar
Continental Pensão
Pensão Casa de São Mamede
Restaurantes, Bars, Confeitarias, etc. (na Arcada do Parque)
Bar-restaurante «Palhota do Mário»

MONTE ESTORIL

Praia
Clube Estoril Plage (desportos vários)
Hotéis: Hotel Atlântico
Grande Hotel
Hotel Miramar
Monte Estoril Hotel
Pensões: Pensão Boa Ventura
Pensão Zenith
Pensão Londres
Pensão Royal
English Bar (Bar-restaurante)

CASCAIS

Praia (com estabelecimentos de banhos e aluguer de barracas)
Museu do Conde de Castro Guimarães
Parque Castro Guimarães
Cidadela
Monumento ao Dr. Passos Vela
Boca do Inferno
Grutas pre-históricas de Alapraia
Pensões: Pensão Restaurante Ricco
Pensão Avenida
Pensão Oceano
Restaurantes: Casa da Laura
«Palm-Beach Club» — na
Praia da Conceição.
Doçaria: Areias de Cascais. Bolo Real (Reais). Bolos Secos. Joainhas.

PRAIA DO GUINCHO

Praia (com estabelecimentos de banhos e aluguer de barracas)
Restaurantes: do Faroleiro
Porto de Santa Maria (na Praia da Crismina)
Bar-Barraca (na Praia Grande)

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Para a valorização das Praias do Norte

Dos concursos realizados, este ano, pelo Secretariado Nacional da Informação (os de Literatura e Artes Plásticas, de Cinema e Arte Dramática) merece referência especial, nesta secção, o que mais recentemente se efectuou, destinado a divulgar os encantos naturais e a promover o incremento das Praias do Norte do país. Foi ele o segundo concurso desta nova modalidade de acção estimulante do Turismo Nacional, que se alimenta, fundamentalmente, da exploração dos locais de veraneio como sejam as praias e as termas.

O Júri, constituído pelos senhores: Joaquim Lopes, artista e director da Escola de Belas-Artes do Porto; arquitecto Rogério de Azevedo; jornalista António Pinto Machado e o artista-decorador José Luís Brandão de Carvalho, atribuiu, por unanimidade, os seguintes prémios:

1.º prémio: à *Praia de Ofire* (Fão);
2.º prémio: à *Praia da Póvoa do Varzim*;
3.º prémio: à *Praia dos Ingleses* (Foz do Douro), sendo cada uma das localidades contemplada com uma taça.

Foram também conferidos prémios pecuniários (de 1.500 e de 1.000 escudos) aos banheiros que mais se esmeraram no arranjo das barracas e toldos, bem como no serviço que desempenham nas respectivas praias. O primeiro prémio coube a Domingos Gonçalves Mouzinho, da *Praia Moderna* (Matozinhos), e o segundo aos da *Praia da Póvoa do Varzim*.

▲ «Casa da Suíça»

Foi inaugurada na nossa capital, no passado mês de Junho, uma Agência da «Direction de l'Office Central Suisse du Tourisme» — de Zurich — de que é Presidente o Sr. Armin Meili, arquitecto e membro do Parlamento Suíço, e Director o Sr. Siegfried Bittel, os quais se deslocaram a Lisboa para assistir ao referido acto, festejado com um «cocktail» em honra da Imprensa portuguesa e um almoço, no Avis Hotel, oferecido a altas individualidades oficiais, elementos do corpo diplomático e membros da colónia Suíça.

A «Casa da Suíça», instalada no prédio 158 da Avenida da Liberdade, tem como Director o Sr. A. Bourgnon, e encontra-se agradavelmente ornamentada, com o fino gosto e o sentido de perfeito

acabamento que caracterizam as actividades artísticas e industriais desse belo País — que passará, como é justo, a ser melhor conhecido e apreciado pelos portugueses, através dos gráficos ali expostos e das informações que se prestam aos visitantes. (Telef. 2 3056).

O Oitavo Centenário da Tomada de Lisboa

O Município da capital, pelos seus Serviços Técnicos, tem procurado activar todos os trabalhos integrados no «Plano de Obras e Melhoramentos», de forma a poder apresentar, em 1947 — data do Oitavo Centenário da Tomada de Lisboa — uma realização de diversas iniciativas tendentes à modernização e desengenhamento da cidade, dentro de projectos urbanísticos previamente elaborados.

Fazem parte desse plano importantes obras em avenidas e arruamentos, terra-penagens, a construção de casas de renda económica e habitações destinadas a famílias pobres, etc., destacando-se os trabalhos a efectuar na Av. Marginal Oriental, na Praça do Comércio e no Cais do Sodré, bem como nas novas artérias que confinam com a fachada posterior do Instituto Superior Técnico, defronte da qual será erigido um busto do falecido ministro Duarte Pacheco.

▲ Albufeira do Ermal e os Desportos Náuticos

A Federação Portuguesa do Remo escolheu, para as competições nacionais deste ano, um novo e magnífico local, que possui as características suficientes para que nele se possam realizar, algum dia, campeonatos da Europa ou provas olímpicas.

Trata-se da lagoa, ou melhor: da Albufeira do Ermal, situada no Alto Minho — a 38 quilómetros de Braga — num vale encantador, verdadeiramente paradisíaco, que pertence ao concelho de Vieira do Minho.

Consideramos digna de aplauso esta feliz iniciativa, sem dúvida destinada a contribuir fortemente para o progresso turístico dessa privilegiada região minhota e, ao mesmo tempo, para o necessário desenvolvimento dos desportos náuticos em Portugal.

«Panorama» regista

★ O aparecimento de mais três volumes da interessante e útil colecção «Hífen» — de divulgação de Arte Portuguesa — consagrados a *Henrique Pousão*, a *Rafael Bordalo* e ao *Grupo do Leão*, contendo numerosas reproduções precedidas de elucidativos estudos críticos e biográficos.

★ Os melhoramentos introduzidos na *Feira Popular* de «O Século», onde este ano se inauguraram alguns pavilhões decorados com inteligência e bom gosto, especialmente o da *Agência Geral das Colónias*.

★ A abertura do «Hotel Aliança», em Faro, o qual dispõe de boas instalações — com águas correntes, quente e fria, nos quartos, aquecimento central e um serviço esmerado, que a Comissão Municipal de Turismo da referida cidade recomenda.

★ A notícia de que vão ser restaurados os preciosos monumentos — nomeadamente a Sé Catedral, as portas da cidade e o Castelo — de Miranda do Douro, um dos mais importantes e injustamente mal conhecidos valores turísticos do Norte do país.

★ As diligências que se vão fazendo para a indispensável intensificação do turismo do Estoril e de Sintra, num sensato espírito de colaboração que louvavelmente difere das antigas e nefastas rivalidades «bairristas».

★ O novo e imponente aspecto com que se apresenta agora o Castelo da Vila da Feira — autêntica crónica viva da História portuguesa — graças às recentes obras de reconstrução e reintegração, a cargo da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

★ A boa vontade que continuam a manifestar os proprietários dos Cafés da Avenida da Liberdade, no sentido de tornarem as respectivas «esplanadas» mais confortáveis, mais garridas e melhor servidas — numa palavra: mais civilizadas.

★ A notícia de que se realizará em breve o lançamento da primeira pedra para o «Cruzeiro da Paz», a erigir no mais alto ponto da Serra de Arga, na pitoresca região da Ribeira Lima.

★ O merecido êxito que obteve a nova série de concertos públicos promovidos pela C. M. L. na *Estufa Fria* do Parque Eduardo VII, com a colaboração da Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo Maestro Pedro de Freitas Branco.

SOBRE TAPETES BORDADOS PORTUGUESES

(Continuação)

Os motivos são persas e como Arte Popular que é inspira-se no solo, utilizando como base os seus objectos mais comuns tais como pássaros, árvores, figuras humanas, etc. Uma certa percentagem do desenho do bordado é mais ou menos geométrico, mas esta forma de desenho deve ter-se adoptado pelas limitações impostas pelos tecidos e pelos pontos, visto que, por exemplo, trabalhando em ponto de cruz sobre um fundo de linho, facilmente criamos desenhos geométricos. Por outro lado, há certos desenhos geométricos que são nitidamente intelectuais.

A composição consta de um centro, campo e bordadura. O campo do tapete é, geralmente, preenchido ou por duas albarradas ou ramos enfolhados dispostos simetricamente em relação às cabeceiras, ao eixo vertical do tapete, ou por ramos emergentes de hastes rectilíneas ou não no sentido das bissertrizes dos cantos, ou de hastes circunvagantes que não excedem o seu próprio quarto da superfície do campo, ou ainda o campo é decorado considerando-se que é ilimitado e decorado com motivos soltos alternados ou repetidos, redes rectangulares, etc. No caso de não ter centro, o campo é invadido por motivos soltos avantajados ou não, com outros elementos, como redes.

O centro é geralmente em irradiação, desenvolvido com bordadura em folhagens, flores, motivos geométricos, tendo ao meio grande roseta de carácter geométrico.

A bordadura é cheia com linha ou linhas sinuosas ou ainda quebradas, decoradas com elementos florais, ou elementos geométricos, enchendo os espaços que linhas sinuosas em zig-zague, percorrendo a bordadura, deixam livres, com repetições ou alternâncias ornamentais de motivos geométricos ou vegetais.

A simetria dos tapetes de Arraiolos explica-se pela necessidade geral que existe de serem vistos de todos os ângulos, devendo, portanto, poderem ser bem vistos de qualquer deles.

Os tapetes de Arraiolos que D. Sebastião Pessanha classificou e se tornou vulgar distribuí-los por três épocas considerando ainda alguns períodos de transição (1.^a época: segunda metade do século XVII; 2.^a época: dois primeiros terços do século XVIII e 3.^a época: último terço do século XVIII) têm como base policromática quatro corantes: — o anil, o pau do Brasil, o lírio e o trovisco que dão as seguintes cores: azul em diversas gradações, encarnado, amarelo, amarelo torrado, vermelho, verde, roxo e cor de pulga. Não entrando geralmente em cada tapete mais de dez tons (nos primitivos a policromia era muito rica e empregavam 18 cores) o colorido obedecia, porém, à seguinte praxe: o centro e a bordadura deviam ser bordados na mesma cor e tom; os campos dos tapetes eram geralmente formados pelo azul escuro, verde ferrete e encarnado; as bordaduras, pelo amarelo, e o contorno dos motivos pelo branco e castanho.

Os tapetes são de um modo geral rectangulares, alguns acenuadamente alongados, havendo-os no entanto também quadrados. Em relação à proporção, divina — a secção de ouro — a média do formato dos tapetes corresponde à secção de ouro acrescida de $\frac{3}{7}$ na sua altura ou maior lado. É bordado com o ponto chamado de Arraiolos, que é o ponto entrançado eslavo, cruzado de forma a atapetar, correndo sempre na mesma direcção, no sentido do eixo horizontal (o menos comprido), excepto na barra — não devendo apresentar pelo avesso, qualquer sinal de remate. Conforme o tecido em que se borda, abrange dois, três ou quatro fios. Nas barras o ponto de Arraiolos corre, ora no sentido do eixo vertical ou no do horizontal, provocando nos cantos opostos da bordadura cantos



TUDO PARA CINEMA

ROITZ

E FOTOGRAFIA

OS MELHORES LABORATÓRIOS FOTOGRÁFICOS PARA
AMADORES COM A MAIS COMPLETA EQUIPA DE TÉCNICOS

RUA NOVA DO ALMADA, 82-84
TELEFONE P. B. X. 2 4670 • LISBOA

iguais dois a dois ou todos os cantos iguais quando bordados em «espinha».

Os pontos representam-se gráficamente colorindo papel quadriculado e podendo-se indicar os pontos em qualquer escala teremos de considerar que cada ponto abrange um espaço de 0,005 m² no seu verdadeiro tamanho.

Seria tempo de na maioria das Escolas Técnicas caracterizar os tapetes com certas renovações, sem alterar o que de bom se herdou do passado. Dar-lhes vida para não cair no incaracterístico de produção cosmopolita, pois existem e tendem a desenvolver novas necessidades ornamentais.

A transformação completa da arte ornamental nestes últimos tempos não está apenas nas aparências, mas reflecte as novas razões de ser e a função social do móvel e do quadro da vida. As artes ornamentais, mais do que todas as outras, estão ligadas à existência cotidiana e sofrem a influência das condições que a modificam.

Existe uma mais justa compreensão das noções da beleza, do luxo e do precioso. Outrora, a presença desses três factores considerava-se indispensável, para que uma obra fosse julgada de valor mas essas noções foram destruídas pelo nosso tempo. Concebe-se a beleza independente, valendo por si, seja qual for a matéria, a sua raridade e preço e com o recuo dos limites do luxo em proveito do conforto, o que era supérfluo tornou-se, por vezes, necessário. A organização interior da casa transformou-se e dentro do mais moderno critério ornamental os padrões tradicionais têm que ser revistos, considerados objectos necessários e não privilégios das fortunas pois todas as renovações estéticas têm que ter fins educativos.

(1) De *La tapisserie*, colecção André Lejard.

(2) *O Arqueólogo português*, n.º 1 e 2, vol. VI.

CALVET DE MAGALHÃES

Acabaram de chegar

OS FAMOSOS CIGARROS



TRABALHOS EM FOTOGRAVURA



Fotografia Nacional, Lda

FOTO-LITO E ETIQUETAS EM METAL

TEM TODOS OS TRUNFOS PARA EXECUTAR
COM RAPIDEZ E PERFEIÇÃO QUAISQUER
TRABALHOS GRÁFICOS DA ESPECIALIDADE

RUA DA ROSA, 273-274 / TELEF. 2 0958

TIPOGRAFIA DA

EMPRESA

NACIONAL DE PUBLICIDADE

★ ★ ★

COMPOSIÇÃO MECÂNICA.

EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA DE

TODOS OS TRABALHOS GRÁFICOS

★ ★ ★

OFICINAS

TRAV. DO POÇO DA CIDADE, 26 • LISBOA

TELEFONE 2 3525

SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA
LOTARIA NACIONAL

65% DO CAPITAL DISTRIBUIDO EM PRÉMIOS • 35% PARA BENEFICÊNCIA

EXTRACÇÕES SEMANAIS

1.º PRÉMIO 500 CONTOS

2.º PRÉMIO 100 CONTOS

3.º PRÉMIO 20 CONTOS

BILHETES A 160\$00

EM 21 DE DEZEMBRO

EXTRACÇÃO EXTRAORDINARIA DO NATAL

1.º PRÉMIO 6000 CONTOS

2.º PRÉMIO 1000 CONTOS

3.º PRÉMIO 500 CONTOS

BILHETES A 1.800\$00

A 12 DE JULHO

EM 30 DE DEZEMBRO

EXTRACÇÃO EXTRAORDINÁRIA DE FIM DE ANO

1.º PRÉMIO 2000 CONTOS

2.º PRÉMIO 500 CONTOS

3.º PRÉMIO 100 CONTOS

BILHETES A 600\$00

QUALQUER PEDIDO DESTES BILHETES PODE SER FEITO, MESMO PELO CORREIO, ACRESCIDO AOS PREÇOS O RESPECTIVO PORTE. A QUALQUER DOS ESTABELECIMENTOS DA

CASA DA SORTE

EM PORTUGAL

LISBOA

ROSSIO, 119

PORTO

SAMPAIO BRUNO, 37

BRAGA

S. FRANCISCO, 9

SEGUROS

em todos os ramos autorizados em Portugal



A MUNDIAL
o maior organismo segurador português

Capital e Reservas
CEM MIL CONTOS

Sede em Lisboa: Largo do Chiado, 8
Filial no Porto: P. Gomes Fernandes, 10
AGENTES POR TODO O PAÍS



ANTÓNIO MOREIRA RATO & F.^{OS}, L.^{DA}



**CANTARIAS. MÁRMORES. JAZIGOS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO**

AV. 24 DE JULHO, 54-G · TELEF. : 6 0879 · LISBOA
TELEG. : RATOFILHO

Segurai a rossa vida e os rossos haveres



Garantia

COMPANHIA DE SEGUROS

CAPITAL 1.500 CONTOS. RESERVAS
47.063 CONTOS. SEDE NO PORTO
RUA FERREIRA BORGES, 37. DELE-
GAÇÃO EM LISBOA—PR. D. JOÃO DA
CÂMARA, 11, 1.º—AGÊNCIAS EM TODO
O PAÍS E IMPÉRIO COLONIAL.

GRAHAM'S PORT

"EMPEROR"
"TAWNY" VELHISSIMO
"FIVE CROWNS"
MUITO VELHO E SECO
"SIX GRAPES"
"VINTAGE" VELHO, DE CASCO
"IMPERIAL DRY"
"RUBY" LEVE

E OUTRAS MARCAS

À VENDA NOS MELHORES HOTÉIS, RESTAURANTES
E BARS EM LISBOA, PORTO E PROVÍNCIA

AGENTES EM PORTUGAL E COLÓNIAS

GUILHERME GRAHAM JÚNIOR & C.^A

RUA DOS FANQUEIROS, 7 · RUA DOS CLÉRIGOS, 6
LISBOA · PORTO

GRAHAM'S PORT

CALDAS DA RAINHA



PARQUE RAINHA D. LEONOR

Entre os numerosos atractivos turísticos das Caldas da Rainha, conta-se o seu magnífico PARQUE, repleto de frondosa arborização, com excelentes locais para um salutar repouso ao ar-livre, diversões, desportos de verão, casas de chá, etc.





AVENIDA PALACE HOTEL

LISBONNE / A CÔTÉ DE LA GARE CENTRALE

130 chambres / 80 avec salle de bain

Téléphone dans toutes les chambres

Chauffage centrale

Déjeuner et Dîner — Concert

AMERICAN BAR

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 123 / TELEF. 20231



07: RADIO AMERICANO DE 1946



Admiral

O rádio que proporciona prazer ilimitado em o ouvir, reunindo a elegância das linhas a um nome afamado pela superior qualidade.

RECEPÇÃO INEGUALÁVEL
EM ONDA CURTA

EXTRAORDINÁRIO
FUNCIONAMENTO
EM TODAS AS BANDAS

SURPREENDENTE
SELECTIVIDADE

Móvel elegantemente desenhado e de sólida construção em matéria plástica ou escolhida madeira de nogueira.

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL

RÁDIO INDÚSTRIAS, LDA.

R. DA MACALENA, 85, S.L. - TELEF. 21219 LISBOA

VENDA EM LISBOA:

AVENIDA RÁDIO — Avenida Almirante Reis, 12-C e 12-D

VENDA NO PORTO:

RÁDIO ATLANTICA — Rua Sá da Bandeira, 39 — Telef. 5815



a melhor lâmpada para: desenhar, bordar e escrever

TUNGSRAM



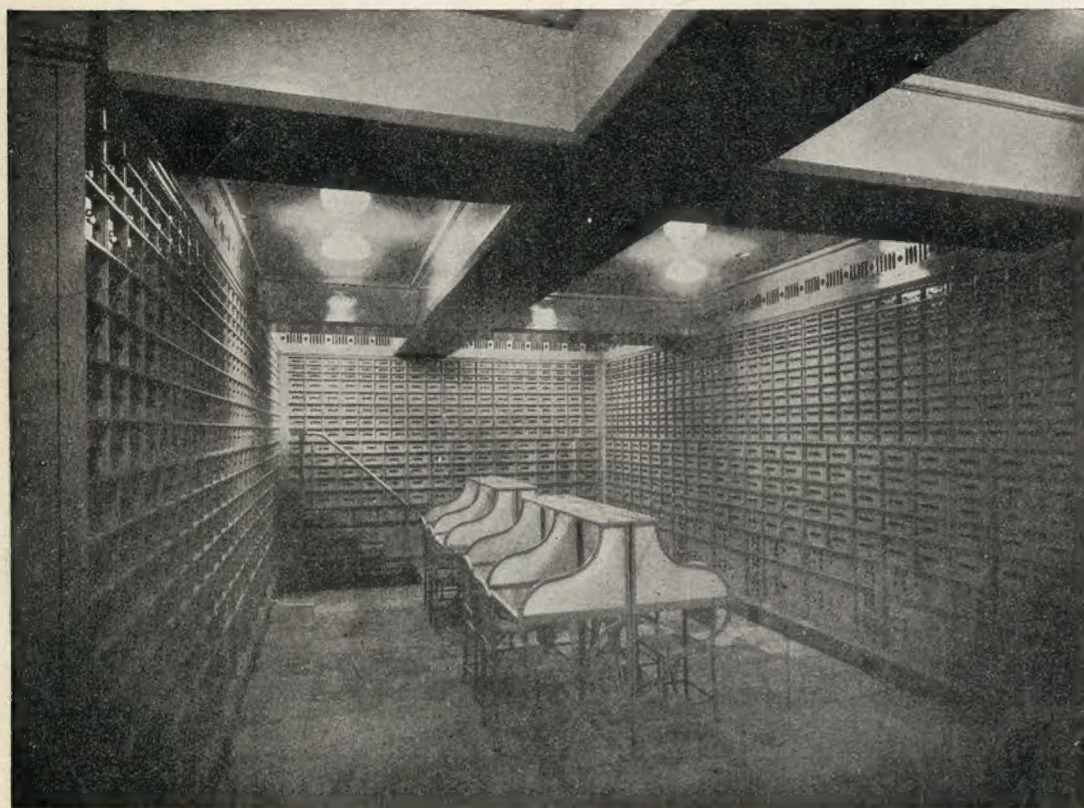
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA

ESTABELECIMENTO AUTÓNOMO DO ESTADO

Filiais em todas as capitais de distrito. Agências e Delegações em todos os concelhos do Continente e Ilhas. Transferências por cheque sobre todos os concelhos. Transferência telegráfica, carta de crédito e cobrança de letras, recibos e outros títulos de crédito por intermédio da Repartição de Transferências e Cobranças, em Lisboa, Rua do Ouro, 47 e de todas as suas Filiais e Agências. Aluguer de cofres fortes em Lisboa, Rua do Ouro, 47; no Porto, Avenida dos Aliados e em algumas Agências. Abertura de créditos caucionados por títulos. Depósitos de Caixa Económica à ordem e a prazo. Empréstimos hipotecários a curto e a longo prazo. Empréstimos agrícolas e industriais pela Caixa Nacional de Crédito. Empréstimos sobre penhor de ouro, jóias e pratas pela Casa de Crédito Popular



Filial no Porto. (Avenida dos Aliados)



INFORMAÇÕES SOBRE
PRÉMIOS, COMISSÕES E
TAXAS DE JURO, PRE-
STAM-SE EM TODAS AS
DEPENDÊNCIAS.

*Filial no Porto
Cofres de aluguer*

